

A VIOLÊNCIA DE GÊNERO E O PSICODRAMA: UMA ANÁLISE DOS CONCEITOS DA TEORIA DE J.L. MORENO

Daiane Cassia Lech

lechdaiane@gmail.com

Amanda Scartezini Gozdziejewski

scartezini.amanda@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: violência, gênero, psicodrama.

RESUMO: O presente estudo tem por objetivo observar a violência de gênero e as questões que a permeiam à luz dos conceitos de papel e conserva cultural, provenientes da abordagem do psicodrama, criado por Jacob Levy Moreno, médico romeno. O método utilizado para tal foi a revisão narrativa.

O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) desenvolveram, em 2018, o Atlas da Violência, compilando os indicadores de homicídios entre os anos de 1996 e 2016 no Brasil, em um geral, e separando-os por gênero, raça e idade. Segundo os dados do IPEA e FBSP (2018), em 2016, 4.645 mulheres foram assassinadas no país.

A violência de gênero é definida como a violência exercida pelos homens contra as mulheres, tendo em vista os papéis de gênero de ambos, com uma finalidade de dominação das mulheres pelos homens. É muito comum que esta seja exercida por um cônjuge ou parceiro íntimo da mulher, sendo um agravante o envolvimento emocional com o agressor e até a dependência financeira. Classifica-se a violência sofrida pelas mulheres em três principais categorias: física, psicológica e social.

A violência física, mais facilmente detectada, compreende toda ação que implica o uso da força contra a mulher, independente de idade e circunstâncias, deixando marcas no corpo ou não (CASIQUE e FUREGATO, 2006). Já a violência psicológica ou emocional, mais dificilmente identificada, diz respeito a abusos verbais (insultos, manipulações), intimidações, ameaças, isolar a vítima da sociedade (vigiar, controlar), desprezo e controle das finanças da vítima. A violência social reflete o tratamento que a sociedade tem a respeito da violência sofrida pela mulher, rejeitando ou aceitando-a. Este tipo de violência é perpetuado por religiões e pelo governo, através de normas legitimadas pela sociedade ao longo dos anos, como: a naturalização da violência; a conservação da privacidade no casamento, mesmo que este seja problemático e a naturalização do comportamento agressivo por parte do homem, como uma característica biológica deste (CASIQUE e FUREGATO, 2006).

A Lei 10.778, de 24 de novembro de 2003, estabelece a notificação compulsória de casos de violência contra a mulher atendida em serviços públicos e privados de saúde, compreendendo a violência física, psicológica e sexual (BRASIL, 2003). Este tipo de violência, objeto de estudo desde os anos noventa e questão de direitos humanos, tem

alta relevância, uma vez que as vítimas têm mais queixas e patologias, físicas e mentais (OLIVEIRA *et al*, 2009). Portanto, faz-se necessário que os profissionais da área da saúde estejam preparados para identificar e tratar de forma humanizada e empática as mulheres vítimas de violência de gênero, cumprindo com suas obrigações éticas e legais, mas, também, lidando com as marcas físicas e psicológicas da vítima de forma que proporcione o suporte necessário a ela.

Uma das abordagens possíveis de serem realizadas para apoiar o trabalho do psicólogo com vítimas de violência de gênero é o psicodrama. O psicodrama é um método científico que utiliza da dramatização para explorar questões do sujeito, visando a catarse e o resgate da espontaneidade, definida por Moreno (2013), como a resposta adequada do indivíduo a uma nova situação ou uma nova resposta a uma situação antiga.

Para obter um olhar psicodramático da violência de gênero, pode-se analisar os conceitos de papel e conserva cultural. Os papéis podem ser definidos como formas que o indivíduo adota, como o papel de aluno, de professor, de pai e o de filho. Uma pessoa, portanto, dispõe e desempenha vários papéis ao longo de sua vida (MORENO, 2013). Estes papéis são perpetuados pelas conservas culturais, produtos acabados após o processo de criatividade e espontaneidade tais como comportamentos, usos e costumes perpetuados pela sociedade e meio em que estão inseridos (MORENO, 2013).

Conforme o crescimento e desenvolvimento do indivíduo, este passa a atuar em sociedade, sofrendo as pressões para encaixar-se em nos papéis do gênero determinado por seu corpo biológico, de todos os ambientes que o cercam. À mulher, é atribuída a imagem de delicadeza, sensibilidade, cuidado com o marido, lar e filhos, devido a sua capacidade de engravidar e amamentar; já ao homem, confere-se a virilidade, coragem, a agressividade e o papel de provedor do lar (GOMES *et al.*, 2007). Levando-se em conta, também, que estamos inseridos numa sociedade patriarcal, na qual a mulher é ensinada a doar-se ao outro e subordinar-se, as concepções de papéis impostas aos gêneros feminino e masculino e suas conservas culturais são apoiados nestas exigências. Isto faz com que os papéis e vínculos experimentados na matriz de identidade da mulher, que posteriormente formarão seu “eu”, sejam permeados por estas conservas, que determinam o que o feminino e o masculino representam numa sociedade (SIQUEIRA, 1993).

À luz do psicodrama, considerando-se os papéis de gênero impostos pela sociedade patriarcal em que nos inserimos, o homem é visto como superior e dominante, enquanto a mulher é inferior e destituída do direito de decidir por si e pelo próprio corpo, que serve para reprodução e para doar-se ao outro. A partir disto, a violência de gênero institui-se apoiada por estas concepções, estas conservas culturais que a sociedade preserva ao longo dos anos.

A coerção social de encaixar-se em um determinado papel de gênero, em si, é violenta. Esta traz questões como a misoginia, o tratamento da mulher como ser inferior e a normalização da violência física, psicológica e social contra esta e contra quem desvia-se dos papéis impostos ao seu gênero.

Portanto, é importante que o psicólogo, bem como todos os profissionais da saúde que possam vir a lidar com vítimas deste tipo de violência, tenham conhecimento das questões que permeiam esta problemática. É necessário um olhar integral à vítima, considerando seu histórico, socialização e cultura em que está inserida. Os cursos de graduação podem, portanto, proporcionar um espaço de aprendizado e reflexão acerca disto, para que os graduandos sintam-se preparados para um possível atendimento no futuro. No caso da psicologia, muitas abordagens teóricas podem auxiliar o profissional na compreensão, como o psicodrama e seus conceitos abordados aqui, que

proporcionam uma visão que envolve a variação de papéis esperada pela sociedade, bem como as conservas, onde estes se instituem.

REFERÊNCIAS:

CASIQUE, L.C.; FUREGATO, A.R.F. **Violência Contra Mulheres: reflexões teóricas.** Rev Latino-am Enfermagem 2006 novembro-dezembro; 14(6). Disponível em: <<https://www.redalyc.org/html/2814/281421865018/>>. Acesso em 14.abril.2019.

IPEA; FBSP. **Atlas da Violência 2018.** Rio de Janeiro, junho de 2018. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/180604_atlas_da_violencia_2018.pdf>. Acesso em 10.abril.2019.

GOMES, N.P. *et al.* **Compreendendo a violência doméstica a partir das categorias gênero e geração.** Acta Paul Enferm 2007;20(4):504-8. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ape/v20n4/19>>. Acesso em 06.mai.2019.

SENADO FEDERAL. **Panorama da violência contra as mulheres no Brasil: indicadores nacionais e estaduais.** N. 1 (2016). Brasília: Senado Federal, Observatório da Mulher Contra a Violência, 2016. Disponível em: <<http://www.senado.gov.br/institucional/datasenado/omv/indicadores/relatorios/BR-2018.pdf>>. Acesso em 10.abril.2019.

SIQUEIRA, M.L. **A Formação dos Papéis Sexuais: Uma visão psicodramática da dinâmica de gênero.** Tóp.Educ., Recife, v. 11, n. 1/2. 57-62, 1993 ·57. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/article/view/23199>>. Acesso em 14.abril.2019.

MORENO, J.L. **Psicodrama.** 10.ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

OLIVEIRA, A.F.P.L. *et al.* **Atenção integral à saúde de mulheres em situação de violência de gênero – uma alternativa para a atenção primária em saúde.** Ciência & Saúde Coletiva, 14(4):1037-1050, 2009. Disponível em: <<https://www.scielosp.org/pdf/csc/2009.v14n4/1037-1050/pt>>. Acesso em 06.mai.2019.